

Estudo de fenômenos vinculados ao tráfico de drogas: caminhos metodológicos percorridos por pesquisadores

Study of phenomena brought to the drug traffic: methodological covered by researchers

ANDRÉA PIRES ROCHA*



RESUMO – Neste artigo, apresentamos a metodologia utilizada em pesquisas que tiveram o fenômeno do tráfico de drogas como temática. No total foram 8 trabalhos (teses e dissertações), que continham em seus títulos a expressão “tráfico de drogas”, os quais foram obtidos na base da biblioteca digital “Domínio Público”, que é o portal de acesso livre da CAPES. Esta iniciativa decorreu de uma necessidade concreta, pois nos deparamos com o desafio da construção metodológica da pesquisa que desenvolvemos, a qual tem como objetivo caracterizar as denúncias e conhecer as trajetórias dos adolescentes apreendidos sob a acusação de tráfico de drogas em rodovias das regiões oeste e norte do Paraná. Na busca de subsídios, temos lido estudos que tiveram como foco a temática vinculada ao tráfico de drogas, por isso, este artigo foi construído numa perspectiva de valorização das experiências metodológicas de pesquisas já concluídas. Acreditamos que contribuímos com o debate sobre metodologia de pesquisas científicas que envolvem fenômenos sociais complexos, especialmente aqueles ligados à violência urbana, que colocam pesquisadores e sujeitos em risco. A leitura das pesquisas reforçou nosso entendimento de que os movimentos do real podem trazer novas demandas metodológicas e que o estudo do tráfico de drogas exige coragem, responsabilidade e compromisso social.

Palavras-chave – Tráfico de drogas. Metodologia científica. Violência urbana.

ABSTRACT – In this article, we present the methodology used in researches that had the drug traffic phenomenon as theme. In total was 8 works (theses and dissertations), that comprised in the titles the expression “drug traffic”, which was received in the base of the digital library “Public Estate”, which is the free access portal of CAPES. This initiative passed of a concrete necessity, because we ran into the challenge of the methodological construction of the research that we developed, which has as objective to characterize the indictments and know the trajectory of the adolescents arrested under the accusation of drug traffic in roads of the Parana’s north and west regions. In the search of subsidies we have been reading studies which had as focus the theme brought together to the drug traffic, that’s why this article was built in a perspective of increase in value of the methodological experiences of researches already concluded. We believe that we contributed with the debate about the methodology of scientific researches that involve complex social phenomena, especially that connected to the urbane violence, that put researches and subjects at risk. The reading of the researches reinforced our understanding of the reality movements can bring new methodological demands and that the drug traffic study require courage, responsibility and social commitment.

Keywords: Drug traffic. Scientific methodology. Urbane violence.

* Doutoranda em Serviço Social da UNESP, mestre em Educação pela UEM. Docente do Departamento de Serviço Social da UEL - Universidade Estadual de Londrina. Desenvolve a pesquisa: “Trajetórias dos adolescentes que atuam como ‘mulas’ na rota de tráfico internacional do Paraná: crime global, violência e exploração”. Londrina – PR/Brasil. E-mail: andrearocha@uel.br
Submetido em: maio/2010. Aprovado em: junho/2010.

Metodologia científica: o caminho e a caminhada

Apresentamos neste artigo investigações científicas que tiveram como objeto de estudo fenômenos vinculados ao tráfico de drogas. Estudos esses que envolvem questões complexas, inclusive podendo colocar em risco pesquisador e sujeitos. A iniciativa de escrevermos este texto decorre de uma situação concreta, pois estamos desenvolvendo doutorado no Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da UNESP – Universidade Estadual Paulista,¹ e nossa investigação tem como objetivo geral a “caracterização das denúncias e das trajetórias dos adolescentes apreendidos sob a acusação de transporte de entorpecentes em rodovias das regiões oeste e norte do Paraná”.² Estamos na fase da construção metodológica, por isso, temos nos deparado com alguns desafios concretos, pois são muitos os elementos a serem considerados para o desenvolvimento de uma pesquisa desta natureza.

Entendemos o método como o “caminho” e a metodologia científica como a “caminhada”. Partindo de inúmeras leituras sobre método, compreendemos que a escolha deste trará a fundamentação teórica e essa possibilitará o entendimento do objeto. A escolha de determinado método de análise mostrará a forma que o pesquisador compreende a realidade, as contradições sociais, enfim, no método está a *visão de homem e mundo* que norteia as percepções do pesquisador, suas reflexões e análise. Na pesquisa que desenvolvemos, “o caminho” já foi definido, pois a análise do objeto terá o materialismo histórico e dialético como método fundamental, tendo em vista que esse dá conta de analisar o fenômeno criticamente, possibilitando a visualização das mediações e dos movimentos contraditórios que o conformam. Como bem destaca Marx (1987, p. 16),

[...] o concreto é concreto porque é a síntese de muitas determinações, isto é, unidade do diverso. Por isso o concreto aparece no pensamento como o processo da síntese, como resultado, não como ponto de partida, ainda que seja o ponto de partida efetivo e, portanto, o ponto de partida também da intuição e da representação [...].

Partimos do pressuposto de que a utilização da força de trabalho de adolescentes no tráfico de drogas é a apresentação do concreto, que sofre múltiplas determinações e, para ser estudada, precisa ser apreendida a partir das categorias totalidade, universalidade, historicidade e mediação e, ainda, inserida nos movimentos dialéticos e contraditórios em que a realidade se constrói. O estudo do objeto precisa contemplar a realidade em movimento, o que exige construções e reconstruções metodológicas sem perder o concreto de vista.

Pretendemos, no desenvolvimento da análise, dar visibilidade à práxis, pois, segundo Marx e Engels (2002, p. 100), é nela que o homem “precisa provar a verdade, isto é, a realidade e a força, a terrenalidade do seu pensamento”. Segundo os pensadores, “a questão de atribuir ao pensamento humano uma verdade objetiva não é apenas uma questão teórica, mas sim uma questão prática”. Por isso, optamos pelo desenvolvimento de uma pesquisa aplicada, que segundo Gil (1999, p. 43):

[...] apresenta muitos pontos de contato com a pesquisa pura, pois depende de suas descobertas e se enriquece com o seu desenvolvimento; todavia, tem como característica fundamental o interesse na aplicação, utilização e consequências práticas dos conhecimentos. Sua preocupação está menos voltada para o desenvolvimento de teorias de valor universal que para a aplicação imediata numa realidade circunstancial. De modo geral, é este o tipo de pesquisa a que mais se dedicam os psicólogos, sociólogos, economistas, assistentes sociais e outros pesquisadores.

É certo que, para o desenvolvimento da pesquisa aplicada, buscaremos, em clássicos das ciências sociais e humanas, explicações das relações sociais, das contradições, especialmente das relações estruturais e superestruturais que determinam a sociabilidade contemporânea. É na sociabilidade contemporânea que o objeto de estudo se materializa, se mostra, por isso é essencial que o estudo de

um fenômeno do presente, aconteça a partir do olhar histórico. Acreditamos que cabe ao pesquisador identificar estes movimentos a partir da compreensão de elementos particulares inseridos em determinantes universais, considerando que universal e particular constituem a necessária interconexão dialética. A dialética à qual nos reportamos aqui, não é aquela circular, defendida pelo idealismo hegeliano, mas sim, a dialética da luta dos contrários, explicada pelo materialismo histórico e dialético. Até então nos esforçamos para mostrar que “o caminho” já foi escolhido.

O método, visto como caminho, auxiliará a escolha das leituras que abrirão outros caminhos. Todavia, a materialização do método se dá na caminhada da pesquisa. Esta caminhada depende de passos que darão credibilidade ao estudo. A escolha destes passos deve ser cientificamente planejada, como apontamos no início, o que não significa que não possam, ao longo do processo, ser reorientados, ou seja, os passos movimentarão a caminhada. As técnicas utilizadas, as formas de abordagem, que possibilitarão a compreensão do objeto. Para compreendermos como se dá a exploração da força de trabalho de adolescentes no transporte de entorpecentes, teremos que entrar no território do tráfico de drogas e essa é uma tarefa complexa, que exige que tenhamos muito cuidado na caminhada, por isso, temos lido pesquisas já concluídas sobre a temática, buscando subsídios metodológicos. Assim, neste artigo, apresentamos a metodologia utilizada em oito pesquisas científicas³ que tiveram fenômenos vinculados ao tráfico de drogas como tema.

Em tempo: é importante ressaltarmos que a leitura que fizemos dos trabalhos não foi avaliativa; ao contrário disso, desenvolvemos as leituras para o conhecimento das experiências, dos relatos e das reflexões, no que se refere a questões metodológicas, buscando o acúmulo de experiência de pesquisadores que já se debruçaram sobre a temática do tráfico de drogas. Foi na perspectiva de conhecermos “os passos dados” em pesquisas concluídas, que conduzimos nossas leituras. Acreditamos que esse artigo poderá somar-se ao debate sobre metodologia científica de pesquisas de fenômenos complexos, em especial aqueles vinculados a violência urbana, que submetem pesquisadores e sujeitos a riscos e, com isso, auxiliar estudiosos que pretendem desenvolver pesquisas que tenham a temática em questão como elemento. Queremos, também, ao apresentar essas pesquisas, demonstrar o mérito e a coragem de seus pesquisadores, principalmente, no aspecto do compromisso social.

Metodologias utilizadas para o estudo de fenômeno vinculado ao tráfico de drogas: alguns exemplos de caminhada e seus passos

Os trabalhos apresentados foram obtidos na biblioteca digital “Domínio Público”, que é o portal de acesso livre da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior –, órgão que “desempenha papel fundamental na expansão e consolidação da pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado) em todos os estados da Federação”.⁴ No portal, colocamos, numa busca básica de mídia textual, a expressão “tráfico de drogas”,⁵ para que aparecessem teses e dissertações que já apresentam este tema em seu título.⁶ Na tabela que segue, podemos constatar os títulos das pesquisas, seus respectivos autores e as instituições.

Quadro 1: Teses e dissertações sobre tráfico de drogas no portal CAPES

Título	Autor	Programa	Tipo/Ano
O lado certo da vida errada: um estudo sobre o tráfico de drogas sob o comando do Império.	Maria Elisa da Silva Pimentel	UFRJ – Pós-graduação em Serviço Social	Tese 2007
Conjunto habitacional Antares e favela de Dona Marta: associações de moradores e suas relações com o tráfico de drogas e o primeiro governo Brizola no estado do Rio de Janeiro (1983-1987).	Alessandra Costa Mamede	UFRJ – Pós-Graduação em História Comparada	Dissertação 2005
Porta fechada, vida dilacerada? Mulher, tráfico de drogas e prisão: estudo realizado no presídio feminino do Ceará.	Maria Juruena de Moura	UECE – Pós-Graduação em Políticas Públicas	Dissertação 2005
Os (des)caminhos da punição, a justiça penal e o tráfico de drogas.	Cássia Santos Garcia	USP – Pós-Graduação em Sociologia	Dissertação 2005
Entre movimentos e possibilidades: grupos policiais, tráfico de drogas e capital social na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro.	Alexander Soares Magalhães	UFF – Pós-Graduação em Ciência Política	Dissertação 2007
Trajetórias de vida de mulheres presidiárias envolvidas com o tráfico de drogas em Belo Horizonte.	Sheila Venâncio de Jesus Pereira	UCMG – Pós-Graduação em Ciências Sociais	Dissertação 2008
Novas fronteiras do trabalho: vivências 'à margem' dos trabalhadores do tráfico de drogas.	Juliana e Silva de Oliveira	UFCE – Pós-Graduação em Psicologia Social	Dissertação 2009
Tráfico de drogas: uma opção entre escolhas escassas.	Ana Amélia Cypreste Faria	UFMG – Pós-Graduação em Psicologia Social	Dissertação 2009

Fonte: Portal Domínio Público, sistematização da autora.

Acessamos todas as pesquisas e ao lê-las conduzimos nosso olhar a partir de três categorias: os objetivos, a metodologia desenvolvida e as dificuldades encontradas. Este trabalho de reconhecimento da metodologia das pesquisas não foi tarefa fácil, pois não são todos os trabalhos que desenvolvem um capítulo ou tópico referindo-se especificamente à metodologia, explicando os caminhos utilizados para o estudo do objeto. Alguns falam da metodologia apenas na introdução de forma sucinta. Já, nos trabalhos que apresentavam a metodologia de forma mais detalhada, foi possível compreender o raciocínio dos pesquisadores e, mais que isso, os processos em que a pesquisa foi inserida.

A maioria absoluta dos trabalhos lidos desenvolve metodologia de pesquisa qualitativa, utilizando-se de técnicas como entrevistas semiestruturadas, história de vida e estudo de casos. Os pesquisadores defendem a pesquisa qualitativa, afirmando que por meio dessa metodologia é possível o alcance de seus objetivos. Identificamos em algumas pesquisas a construção de hipóteses e pressupostos, por outro lado, poucas construíram categorias de análise. Por isso, mostraremos a seguir, os objetivos das pesquisas, as metodologias desenvolvidas e as dificuldades relatadas nos trabalhos.

Iniciamos a explanação com a pesquisa “Entre o movimento e possibilidades: grupos policiais, tráfico de drogas e capital social na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro”, do pesquisador Alexander Soares Magalhães, o qual tem uma comunidade como universo e refere que seu objetivo foi

[...] analisar como uma comunidade pobre da zona oeste da cidade do Rio de Janeiro lida com a presença de grupos policiais que exercem na comunidade

proteção de modo diferenciado, agindo como um grupo paraestatal organizado, tendo como objetivo principal coibir o tráfico de drogas no local (MAGALHÃES, 2007, p. 6).

Vemos que o foco principal não é o tráfico de drogas, mas sim as percepções dos moradores a respeito da presença de milícias em sua comunidade. Para alcançar este objetivo, o pesquisador utilizou metodologia de pesquisa qualitativa, observando que

Em nosso caso, julgamos ser mais adequado proceder na parte da pesquisa de campo, utilizando técnicas prioritariamente qualitativas, principalmente entrevistas semiestruturadas. Entrevistamos cerca de vinte moradores da comunidade, entre policiais, líderes comunitários, comerciantes, motoristas de Kombi, professores de escolas da localidade, donas de casa, comerciários e aposentados. Também entrevistamos moradores de outras localidades, assim como outros policiais, visando a obter mais informações, especialmente para compreender melhor o *modus operandi* da polícia. (MAGALHÃES, 2007, p. 11).

O autor mostra, inclusive, a diversidade de sujeitos que foram envolvidos em seu processo investigativo. Dentre as dificuldades, apontou questões referentes à necessidade de garantir segurança e manter o sigilo de suas fontes; por isso, tratou a comunidade estudada com o nome fictício de “Nosso Conjunto”. Outra dificuldade relatada refere-se ao desafio pessoal de manter distanciamento crítico, pois possuía relações pessoais e sociais na comunidade estudada, desafio este que espera ter alcançado; por outro lado, reforçou que o fato de possuir relações na comunidade não facilitou o acesso às fontes.

Informou que optou por não usar questionários fechados, pois julgou que seria uma forma ineficiente de colher dados, salientando que “muitas vezes conversas informais foram bastante reveladoras, visto que várias informações relevantes para a pesquisa foram obtidas desta forma” (MAGALHÃES, 2007, p. 12). Sobre as anotações, achamos interessante a pesquisadora Alessandra C. Mamede (2005) defender as observações gerais, o conhecimento construído no cotidiano da pesquisa e a utilização do caderno de campo que, segundo ela, a escolha deste instrumento se deu por dois motivos essenciais

[...] O primeiro tem a segurança dos depoentes como razão principal. Em uma temática como a que nos propomos estudar, este instrumento apresenta-se como um método confiável aos olhos dos depoentes para concordarem em nos fornecer dados. [...] A segunda razão tem a ver com a característica de complementaridade que o caderno de campo tem. A observação do meio, mesmo que estejamos separados por décadas, em seus detalhes ou as reações de nossos depoentes, sua relação com as localidades são percepções do pesquisador. Este conhecimento, construído no dia a dia da pesquisa, fortalece o arcabouço de nossas conclusões. As transformações que acontecem naturalmente nas relações entre pesquisador e objeto vão muito além do que está registrado em fitas cassete. Nossas anotações de campo têm por objetivo transformarem-se em fontes, trazendo nossa observação do meio e dos depoentes como forma de talvez dar-lhes valor diferenciador em meio a todos os outros dados coletados (MAMEDE, 2005, p. 44).

A forma como a pesquisadora defende a utilização do caderno de campo trouxe-nos muito estímulo, pois a mesma mostra como as anotações podem identificar detalhes e complementar outras informações colhidas. O título da pesquisa da autora é “Conjunto Habitacional Antares e Favela Dona Marta: associações de moradores e suas relações com o tráfico de drogas e o primeiro governo Brizola no Estado do Rio de Janeiro (1983-1987)”. Como em Alexander S. Magalhães (2007), a pesquisa de Alessandra C. Mamede (2005) tem comunidades como universo. A autora informa que seu objetivo foi

[...] analisar comparativamente as práticas de dois presidentes das associações de moradores em suas relações com o governo estadual e o grupo de traficantes de drogas sediado no espaço destas favelas (MAMEDE, 2007, p. 18).

Nesta pesquisa, o foco também não foi voltado especificamente ao tráfico de drogas, mas sim às relações que os líderes comunitários mantinham com o Estado e com o tráfico nos anos de 1983 a 1987, por isso, Mamede (2007) pautou-se no método da História Comparada, afirmando que este “dá oportunidade ao pesquisador de analisar um conjunto de problemas através de uma gama de possibilidades” (MAMEDE, 2007, p. 52). Informou que a técnica utilizada foi da história oral, construída por meio

[...] dos relatos de ex-presidentes de associações de moradores. Entendemos todas as implicações de basearmos nossas principais referências em discursos construídos sobre memórias, sejam elas de vitórias ou derrotas, dolorosas ou felizes. O critério principal para a escolha das pessoas para prestarem depoimentos para esta pesquisa foi a participação nas atividades de associações de moradores em gestões que se estenderam entre os anos de 1983 e 1987 (MAMEDE, 2007, p. 41).

A pesquisa de campo e as entrevistas aconteceram no período de três anos. A mesma relata algumas dificuldades, em especial, em relação ao acesso às informações e, também, à análise dos discursos, que algumas vezes apresentavam divergências. Observou receios e medos dos moradores em informar o histórico e sofrer represálias. Alguns sujeitos não aceitaram ser identificados, muito menos gravar as entrevistas; outros a surpreenderam com a autorização. Vemos que este é um dos problemas da metodologia qualitativa, que tem como fonte apenas a fala dos sujeitos, pois é complexo identificar desvios ou manipulações das falas.

Para complementação das informações, a autora também desenvolveu pesquisa documental em jornais, especialmente do *Jornal do Brasil* (13/01/1980 a 25/08/1987) e do jornal *O Dia* em suas edições de 1981, que foram consultadas no Setor de Periódicos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Mamede (2007, p. 47), todavia, informa que encontrou “problemas em continuar a consulta no jornal *O Dia* por esta ter sido suspensa durante a pesquisa nas edições de toda a década de 1980”. Questão delicada para uma pesquisadora, pois a dificuldade de acesso às fontes prejudica o andamento da pesquisa.

Continuando o debate sobre a pesquisa qualitativa, vemos a importância de demonstrar outro exemplo de defesa deste tipo de metodologia, como a de Juliana E. Silva de Oliveira (2009), que desenvolveu a pesquisa “Novas fronteiras do trabalho: vivências ‘à margem’ dos trabalhadores do tráfico de drogas”. Pautada em Minayo, a autora Oliveira (2009, p. 66) refere acreditar que “o objeto das ciências sociais é prioritariamente qualitativo, logo, é importante ressaltar que a opção epistemológica escolhida, em nosso estudo, é por uma perspectiva qualitativa de pesquisa, sendo esta característica de construção de conhecimento”. O objetivo desta pesquisadora foi

[...] investigar a vivência de trabalhadores frente à realidade do processo de inserção laboral de formas atípicas de trabalho, segundo o modelo salarial, consideradas em uma posição à margem da sociedade. Mais especificamente, temos o objetivo de fazer uma pesquisa exploratória sobre os trabalhadores do tráfico de drogas, a partir de suas realidades e vivências que se constituem à margem dos mecanismos sociais dominantes (2009 p. 14).

Observamos que a autora elenca um objetivo mais geral, vinculado à universalidade da categoria trabalho e, no decorrer de sua redação, esboça seu objetivo específico, mostrando que dentre as “formas atípicas de trabalho”, escolheu estudar a realidade dos trabalhadores do tráfico de drogas. Oliveira (2009) informa que desenvolveu uma pesquisa exploratória sobre os trabalhadores no tráfico de drogas e suas vivências, informação essencial para nosso conhecimento, pois, como em nossa proposta

investigativa, a pesquisadora considera as atividades desenvolvidas no tráfico de drogas como trabalho, por isso, a construção metodológica construída por ela trouxe-nos lições importantes. Segundo ela,

os conteúdos a serem coletados nas entrevistas foram gravados com o consentimento dos participantes e transcritos. As informações coletadas foram muito ricas e nos possibilitaram trabalhar com uma vasta gama de conteúdos. O material foi submetido a uma análise de conteúdo, método que focaliza os significados do texto, as intencionalidades e os sentidos dos produtores do discurso (OLIVEIRA, 2009, p. 76).

E, a partir do material coletado, a pesquisadora construiu categorias de análise, explicando que os dados coletados passaram por um processo de categorização. Segundo ela, este processo de

[...] categorização ou estabelecimento de categorias pode ser de natureza semântica, sintática, léxica ou expressiva. Estas podem ser definidas antecipadamente, em função dos objetivos e hipóteses pré-estabelecidos, ou podem ser resultantes do próprio processo de análise, surgidas a partir do discurso dos entrevistados. Os métodos centrados no nível semântico são os mais clássicos da análise de conteúdo, muito utilizados no campo psicológico (OLIVEIRA, 2009, p. 76-77).

Além disso, a pesquisadora Oliveira (2009, p. 66) chama atenção para a questão da subjetividade, ressaltando que a escolha da metodologia qualitativa encontra-se em congruência com sua fundamentação teórica, tendo em vista que esta

[...] compreende o sujeito constituído no interior da história e modificado pelas práticas sociais (FOUCAULT, 2005). Logo, a opção por esse método de investigação se deu em função da escolha por se pesquisar a subjetividade de sujeitos inseridos em uma realidade histórica e socialmente determinada.

A autora foi bem clara ao demonstrar sua fundamentação teórica. Foi possível perceber discussões pautadas em Foucault e Vigostky, ambos pensadores importantes para área da autora. Vincula o debate da psicologia e subjetividade sob a ótica da categoria trabalho. Como não poderia ser diferente, Juliana de Oliveira também relatou as dificuldades vivenciadas no desenvolvimento da pesquisa, referindo que

Logo de início, deparamo-nos com uma dificuldade basilar: como acessar esses trabalhadores e, além disso, como conseguir a aceitação em participar de uma pesquisa em que é necessário falar de suas atividades reconhecidamente ilegais? É de conhecimento comum que o tráfico de drogas é um fenômeno bastante complexo que envolve o fato de ser exercido na clandestinidade, além de apresentar um forte caráter de violência. Diante disso, procuramos entrar em contato com possíveis instituições que mantivessem algum tipo de contato com esses sujeitos, a fim de facilitar nosso acesso a tal realidade (OLIVEIRA, 2009, p. 68).

Devido à complexidade do tráfico de drogas, a adesão dos sujeitos dependeu de intermediários. Primeiro a pesquisadora buscou instituições vinculadas à comunidade, porém não obteve êxito. O problema foi resolvido a partir do contato com o Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua Ceará – MNMMR, pois seus protagonistas intermediaram os contatos com os jovens trabalhadores do tráfico. Relatou também dificuldades referentes à imprevisibilidade do cotidiano dos sujeitos e a constância de encontros desmarcados. Colocou que passou por situações em que colaterais pensavam que a mesma estava em busca de drogas. Já com relação a informações sobre os fornecedores e a dinâmica maior que o tráfico de drogas está inserido, a pesquisadora não obteve acesso e avaliou que os

sujeitos não comentavam sobre estes aspectos por medo de represálias, o que deve ser muito corriqueiro neste cotidiano específico.

Também, vinculando a questão do tráfico de drogas ao trabalho, foi desenvolvida a pesquisa “O lado certo da vida errada: um estudo sobre o tráfico de drogas sob o comando do Império”, da autora Maria Elisa da Silva Pimentel (2007, p. 13), que visou

[...] entender como a inserção dos jovens pobres moradores das favelas no tráfico de drogas ilícitas pode se apresentar como uma dinâmica do capital para capturá-los, mas também (e, sobretudo) como uma forma de resistência: como uma luta contra o império.

Ou seja, de forma bem interessante, a autora reflete as características de trabalho e de resistência atribuídas ao tráfico de drogas. Nesta pesquisa, foi difícil compreender a metodologia utilizada, entretanto, o método está muito bem explícito. Em todas as linhas, a autora deixa transparecer que sua fundamentação teórica esta pautada em teorias críticas. Inicialmente pensávamos que fosse uma pesquisa bibliográfica, na busca de aprofundamentos teóricos. Até que Pimentel (2007, p. 26) aponta algo referente à pesquisa de campo

[...] as questões que foram aparecendo para mim ao longo do trabalho junto a essas populações teve continuidade através do desenvolvimento de uma pesquisa de campo realizada na comunidade do Tuiuti, em São Cristóvão. Os resultados advindos tanto das investigações informais produzidas no contato com os moradores das favelas, como daquelas decorrentes da realização da pesquisa, serão usados para o desenvolvimento do trabalho.

Percebemos que houve uma pesquisa de campo, a qual trouxe subsídios para a realização do trabalho e a importância dessa foi enfatizada nas considerações finais, quando a autora ressalta que

[...] ao partilhar a vida cotidiana das favelas, as narrativas e práticas específicas que falam dos modos de funcionamento do tráfico, chegam-me pela voz daqueles que estão submetidos a essas dinâmicas, por dentro. São, assim, as vozes dos moradores que me apresentam a problemática do tráfico na concretude do que isso significa na efetivação das suas vidas [...]. O que me levou a privilegiar este espaço como interesse de estudo é, num primeiro momento, a impressão de que ‘todas’ as relações sociais que se produzem nas favelas guardam uma conexão com o tráfico de drogas, sendo algumas dessas experiências emblemáticas nessa primeira aproximação empírica com o tema e que me induzem para esse caminho (PIMENTEL, 2007, p. 146).

Mesmo com a afirmação acima, a autora demonstrou pouca utilização de falas e/ou relatos dos moradores; por outro lado, a mesma várias vezes se reporta à sua dissertação de mestrado, chegando a informar que “no mestrado, consegui apenas intuir caminhos novos, mas duas questões incitaram-me a buscar novos ângulos para tratar o problema e provocaram um primeiro exercício de experimentação teórica” (PIMENTEL, 2007, p. 147), o que fez-nos supor que a pesquisadora deu continuidade a uma pesquisa iniciada em seu mestrado, talvez naquela ocasião tenha feito mais o uso das informações empíricas obtidas no trabalho de campo.

Encontramos também menção ao desenvolvimento de revisão bibliográfica, na qual, a pesquisadora informa que “dada a completude do trabalho realizado por Lima; Misse e Miranda (2000), sobre a questão da violência e criminalidade dentro do campo das ciências sociais, escolhemos partir desta fonte para empreender nossa revisão bibliográfica” (PIMENTEL, p. 28). Identificamos, portanto, neste trecho, a segunda informação metodológica. Até então o que apareceu no desenvolvimento do texto foi pesquisa de campo e revisão bibliográfica. Continuando a leitura, encontramos uma pesquisa documental, pois a pesquisadora aponta que

[...] entre as pesquisas com as quais entrei em contato durante o percurso desse trabalho o Relatório RIO: “Violência Policial e Insegurança Pública”, produzido pelo Centro de Justiça Global (www.global.org.br) se distingue por apresentar um estudo na área da segurança pública que apanha a violência oriunda dos aparatos estatais, possibilitando uma reflexão sobre a forma como vêm se definindo as estratégias na área da segurança pública no Estado do Rio de Janeiro (PIMENTEL, 2007, p. 128).

A autora desenvolve uma análise do referido documento e apresenta com detalhes as tabelas, informações e, mais que isso, opta por reproduzir na íntegra 3 (três) dos 21 (vinte e um) processos apresentados no Relatório, justificando que “a escolha de reproduzir na íntegra os relatos – em que pese a extensão disso – vem da convicção de que nenhuma análise que fizesse sobre esses substituiria a contundência que a impressionante brutalidade desses acontecimentos provocam” (p. 130). Podemos observar que a ausência de um tópico informando os procedimentos metodológicos dificulta a compreensão do leitor com relação aos caminhos seguidos na pesquisa; mesmo assim, toda pesquisa científica acontece a partir de uma metodologia, o que foi comprovado na leitura da pesquisa de Pimentel, pois mesmo sem informar de forma direta, a metodologia foi aparecendo no decorrer do texto.

Foi no aspecto psicossocial, que a investigação “Tráfico de drogas: uma opção entre escolhas escassas” foi desenvolvida pela pesquisadora Ana Amélia Cypreste Faria (2009), a qual definiu seu objetivo relatando que “procurou compreender o contexto histórico, econômico-social do tráfico de drogas, bem como os aspectos psicossociais que permeiam a adesão a esta atividade” (FARIA, 2009, p. 2). No entanto, mais à frente, a autora sistematiza de forma diferente seu objetivo, colocando que buscou “analisar os aspectos psicossociais presentes na adesão à prática da produção, distribuição e venda de drogas ilícitas, buscando compreender a relação tráfico de drogas e trabalho” (FARIA, 2009, p. 21). Segundo ela, foi a opção pelo desenvolvimento de pesquisa qualitativa que possibilitou a escolha do “método”⁷ de História de Vida: “[...] por tratar-se de uma pesquisa qualitativa, trabalhamos com método de Recolhimento de História de Vida e entrevistas em profundidade com recuperandos de uma unidade prisional APAC”. Mais à frente refere que

[...] os dados foram submetidos a uma análise qualitativa de conteúdo, sob o prisma da abordagem psicossocial clínica. A escolha deste método foi motivada por possibilitar o reconhecimento de um saber social na singularidade da história de vida do sujeito, permitindo-nos entender o saber social da realidade vivenciada (FARIA, 2009, p. 22-23).

Informou que o trabalho de campo se deu na Associação de Proteção e Assistência ao Condenado – APAC –, em março de 2007, por meio de encontros semanais com o recuperando Paulo. Salientou que “as entrevistas em profundidade foram feitas com outros recuperandos e com os familiares de Paulo, em sua residência e no Serviço de Psicologia Aplicada do Departamento de Psicologia da UFMG”. No decorrer do texto, a autora informou que o impacto que os relatos causavam foi uma limitação, tendo em vista que para ela

[...] ficou claro, no decorrer destes dois anos de ida a campo, como a realidade do tráfico de drogas, as condições de vida dos sujeitos de pesquisa, o conceito de justiça e de moral e a ausência de cidadania, presente no seu cotidiano, eram muito diferentes daqueles experimentados por nós (FARIA, 2009, p. 33).

Ao elencar algumas dificuldades metodológicas, a autora aponta que, no início, o sujeito Paulo não autorizou que as entrevistas fossem gravadas, o que prejudicou o recolhimento da história de vida. Somente após algum tempo de contato, o sujeito, por conta própria, solicitou que ela gravasse os encontros, dizendo: “Vai facilitar pra senhora guardar o que eu falo, pra fazer o meu livro” (Paulo). A partir deste momento, a metodologia de história de vida passou a ter maior confiabilidade. Outra

questão levantada refere-se ao “endereçamento” e manipulação das respostas, e a pesquisadora problematiza tal questão de forma muito interessante, pois aponta que

[...] a remição⁸ da pena baseada no trabalho realizado pelo condenado dentro da instituição prisional e a premiação pela boa conduta prisional (mérito), com a progressão de regime, configuram-se em aspectos que, se por um lado, facilitaram a realização da pesquisa, pois criaram uma predisposição para o atendimento psicológico e a boa aceitação da presença dos estagiários e pesquisadores no estabelecimento da APAC, por outro, consistiram em dificultadores na medida em que levaram a inúmeros “endereçamentos”. Um destes endereçamentos, amplamente percebido, referia-se às expectativas manifestadas de que o que fosse falado com o psicólogo teria um valor legal para a justiça, comprovando a recuperação ou o bom comportamento do recuperando em atendimento (FARIA, 2009, p. 26-27).

A informação acima é muito importante para quem estuda questões vinculadas ao tráfico de drogas e, especialmente, tendo como sujeitos pessoas privadas de liberdade, pois é comum que, em um primeiro momento, esses tenham resistência para passarem informações e, também, que tentem manipular o próprio discurso. Eis algo que merecerá toda observação no decorrer da nossa pesquisa.

Na leitura dos trabalhos, vimos que dois deles discutem o envolvimento de mulheres com o tráfico de entorpecentes e ambas as pesquisadoras consideraram a situação social e econômica para o desenvolvimento de suas análises. A autora Sheila Venâncio de Jesus Pereira (2008), ao desenvolver a pesquisa “Trajetórias de vida de mulheres presidiárias envolvidas como tráfico de drogas em Belo Horizonte”, teve como objetivo “analisar o envolvimento de mulheres com o tráfico de drogas, a partir dos dados socioeconômicos e do relato das trajetórias de vida” (2008, p. 5). Além disso, a pesquisadora apontou que

[...] procurou conhecer os motivos alegados pelas mulheres para sua inserção no crime, assim como investigar a sua relação com os criminosos do sexo masculino, já que a criminalidade feminina é frequentemente associada pela literatura ao envolvimento com namorados, maridos e filhos. Além disso, foi considerada a motivação financeira como elemento influenciador para o envolvimento das mulheres no tráfico de drogas e a vulnerabilidade pessoal e social (PEREIRA, 2008, p. 72).

Para isso, também adotou a metodologia qualitativa, vinculando-a a estudos estatísticos. Informa a autora que foram realizadas “entrevistas com mulheres presas por tráfico de drogas no Complexo Penitenciário Feminino Estêvão Pinto, localizado em Belo Horizonte, e coletados dados estatísticos sobre a sua situação socioeconômica” (PEREIRA, 2008, p. 5). Cabe salientarmos que a pesquisadora apresenta tabelas e dados estatísticos de diversas fontes oficiais, as quais são utilizadas para traçar um perfil das mulheres encarceradas, fundamentando um de seus capítulos. Além disso, afirma que fará o estudo “por meio de uma abordagem comparativa entre a criminalidade masculina e feminina” (PEREIRA, 2008, p. 5), ou seja, o debate de gênero no contexto da criminalidade. Todavia, no decorrer do trabalho, não detalha a metodologia utilizada para tal, nem os resultados desta comparação.

A técnica de *História de Vida* foi o ponto-chave desta pesquisa e, de forma muito rica, a autora reserva um capítulo para relatar as histórias obtidas em suas entrevistas. Informa que dentre as 27 entrevistas realizadas, escolheu 10 casos para contar na íntegra, pois, segundo ela, essas histórias continham “maior riqueza de detalhes sobre a inserção destas mulheres na atividade criminosa”. Alude que o fato da pesquisa ter caráter qualitativo não exige que as narrativas sejam “confirmadas ou refutadas, mas sim analisadas de acordo com a trajetória de vida das mulheres que forneceram seus depoimentos” (PEREIRA, 2008, p. 72).

A autora apontou algumas dificuldades para realização das entrevistas, tendo em vista que as “mulheres sentiam-se inseguras de prestar informações com receio de que prejudicassem os pedidos de

benefícios ou a progressão de regime” (PEREIRA, 2008, p. 75). Vimos que a questão referente à situação jurídica, progressão ou não de regime também apareceu na pesquisa de Ana Amélia Cypreste Faria (2009), conforme citamos anteriormente. A pesquisadora superou esta dificuldade paulatinamente; relatou que após as primeiras entrevistas, as subsequentes se desenrolaram melhor, pois segundo ela, “com o passar do tempo, consegui conquistar a confiança delas, demonstrando que este trabalho tem caráter acadêmico e não seria utilizado para prejudicá-las, pois dei garantias de que os nomes verdadeiros seriam ocultados” (PEREIRA, 2008, p. 75).

Também discute a questão da mulher e o envolvimento com o tráfico de drogas a pesquisadora Maria Juruena de Moura, no trabalho “Porta fechada, vida dilacerada – mulher, tráfico de drogas e prisão: estudo realizado no presídio feminino do Ceará”, que teve como objetivo “investigar e analisar as inter-relações do tráfico de drogas com a crescente inserção de mulheres nessa prática havida como ilícita” (2005, p. 5). Apontou que seu estudo se propôs

[...] a oferecer uma contribuição no entendimento do crescente envolvimento de mulheres no negócio das drogas. Assim, ao analisar o problema, tenciono contribuir para explicar aspectos dessa realidade, rica e densa, buscando estabelecer relação entre prisão-mulher-desemprego e tráfico de drogas (MOURA, 2005, p. 5).

Esta autora informa ter-se pautado na abordagem qualitativa e junto desta informação já apresenta o conjunto de técnicas utilizadas, mostrando que

[...] neste estudo, a metodologia privilegia o contato direto com a população carcerária, mediante técnicas de coleta de dados, com aplicação de questionários, entrevistas semiestruturadas, grupos focais e pesquisa documental (MOURA, 2005, p. 10).

Maria Juruena de Moura relata o desgaste emocional que vivenciou durante as entrevistas ou abordagens do grupo focal. Referiu que, mesmo trabalhando em uma unidade carcerária masculina, estressava-se no decorrer de sua pesquisa de campo. Segundo ela, o fato de trabalhar também no sistema carcerário do Estado, fez com que as apenas tivessem a expectativa do atendimento técnico, por isso, o desenvolvimento da abordagem do grupo focal acontecia em dois momentos: os primeiros 20 minutos eram utilizados para que as presidiárias fizessem queixas sobre o seu cotidiano e, no restante do tempo, a pesquisadora focava o seu objeto de estudo. Segundo a autora,

[...] a opção pela pesquisa qualitativa decorreu de eu entender que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito, que não pode ser traduzido somente em números (MOURA, 2005, p. 10).

Observamos, na citação acima, que a autora contrapõe pesquisa qualitativa à pesquisa quantitativa, dizendo que a relação entre “mundo real e o sujeito” não pode ser medida em números. Eis uma questão delicada, pois, as pesquisas quantitativas podem trazer respaldo para as análises qualitativas. A nosso ver, os números também expressam a realidade do “mundo objetivo” e da “subjetividade do sujeito”. A pesquisadora faz esta contraposição, entretanto, utiliza-se de questionários e outras técnicas, que também podem ser consideradas como próprias de pesquisas quantitativas, chegando a atingir todo o universo,

[...] apliquei 96 questionários, 20 entrevistas gravadas, 18 participantes do grupo focal, cerca de 1.800 minutos de depoimentos gravados. Para fechar a pesquisa, se fez necessário pesquisar dados nos prontuários jurídicos e documentos da SUSIPE, tendo sido fundamental conferir os indicadores. Desta forma, atinge-se o

universo da população presa por tráfico de drogas, a saber, 134 mulheres (MOURA, 2005, p. 22).

Dessa forma, avaliamos que a pesquisadora também desenvolveu pesquisa quantitativa, apresentando, inclusive, gráficos demonstrativos e isso trouxe subsídios para sua análise. A autora aponta que os procedimentos de análise foram desenvolvidos em duas dimensões:

a primeira é a tabulação dos indicadores dos formulários, permitindo, além do conhecimento da realidade, a construção do perfil das mulheres presas por tráfico de drogas. A segunda consiste no destaque dos depoimentos de conteúdo relevante para os propósitos da pesquisa. Nas falas, (primeiro passo), são transcritas as fitas. A coleta e a análise dos dados ocorrem simultaneamente. Pelo conteúdo dos depoimentos, procurei compreender e relacionar os relatos, à luz das teorias de autores que sustentam teoricamente a pesquisa. Na análise, tento relacionar as informações com as teorias, estabelecendo a práxis (MOURA, 2005, p. 24).

Observamos, portanto, que a pesquisadora desenvolveu abordagens quantitativas (estatísticas, índices, questionários) e qualitativas (entrevistas, grupos focais) e, mais que isso, analisou seus dados, buscando pautar-se em fundamentações teóricas que sustentaram sua pesquisa. Vimos que o cuidado metodológico que a autora apresentou trouxe qualidade e legitimidade para sua pesquisa.

A partir deste debate, é possível inserirmos as informações da única pesquisa que assume fazer o uso de uma metodologia quantitativa, ou seja, o trabalho de Cássia Santos Garcia (2005), que tem como título “Os (des)caminhos da punição: a Justiça Penal e o tráfico de drogas”. Vimos que esse trata da questão específica do tráfico de drogas, refletindo aspectos de segurança pública. A autora informa que sua intenção foi “analisar o percurso institucional da punição/impunidade para o tráfico de entorpecentes, no município de São Paulo, no contexto da redemocratização brasileira” (GARCIA, 2005, p. 3). Mais à frente, especifica seu objeto, explicitando-o da seguinte forma:

[...] objeto desta dissertação, portanto, além do mapeamento e análise da discussão clássica e contemporânea sobre legalidade e legitimidade, também e principalmente, o estudo da eficácia legislativa, especificamente, no caso das legislações de controle ao crime organizado e ao tráfico de entorpecente, no Brasil de fins do século XX (GARCIA, 2005, p. 19).

Neste caso, o recorte é mais visível no objetivo, pois a mesma já aponta que estudará o fenômeno em São Paulo. Já o objeto é colocado de maneira mais ampla; no entanto a autora aponta que “além do mapeamento e análise da discussão [...] sobre legalidade e legitimidade” também (e principalmente), faz o “estudo da eficácia legislativa no Brasil”. No decorrer do trabalho, conforme ela vai explicando a metodologia, aparece uma nova informação sobre objetivo, que consideramos a mais específica de todas, pois detalha o objeto, demonstrando inclusive, o período estudado:

[...] nossa análise consiste, portanto, no acompanhamento do percurso institucional, entre 1988 e 1997, da punibilidade/impunidade para o tráfico de drogas, desde seu enquadramento na Lei de Tóxicos (datada de 1976), tendo como referência o duplo corte instituído no sistema, pelas leis repressivas da década de 1990. Pretendeu-se, assim, estudar o impacto ocasionado pela Lei dos Crimes Hediondos (em 1990), paralelamente àquele decorrido da Lei do Crime Organizado (em 1995) – para crimes praticados por quadrilha ou bando – bem como das consequências imediatamente percebidas para a contenção ou não contenção do narcotráfico, no período da reconstrução democrática brasileira (GARCIA, 2005, p. 26).

No trecho apresentado, vimos que ela estuda a punibilidade/impunidade, no período de 1988 a 1997, de ações enquadradas como tráfico e crime organizado, medindo o impacto de leis posteriores a

1990. O essencial na leitura desta pesquisa é que, dos trabalhos estudados, foi o que mais explicou o processo de construção metodológica, em especial, a metodologia quantitativa e, depois, qualitativa, por isso nos interessou muito compreender os passos da caminhada da autora.

Segundo Cássia Santos Garcia (2005, p. 16), sua dissertação de mestrado “surgiu no seio de um projeto Fapesp-CEPID, em andamento no Núcleo de Estudos da Violência da USP, sob a coordenação do Prof. Dr. Sérgio Adorno”, que teve seu foco na análise sociológica da “*impunidade penal*, no município de São Paulo, entre os anos de 1991 e 1997”. Para isso,

[...] traçou-se densa e complexa estratégia de pesquisa, amparada em uma rigorosa metodologia que vem alicerçando as atividades da equipe de pesquisadores e auxiliares, dedicados às muitas etapas desta tarefa. O esforço conjunto da equipe resultou, inicialmente, na coleta e acompanhamento do material policial (boletins de ocorrência e inquéritos) registrado entre 1991 e 1997 nos distritos policiais que compõem a 3ª Seccional do Município de São Paulo. Foram coletados dados sobre oito modalidades penais que compreendem crimes violentos e não violentos: *estupro, homicídio, roubo, latrocínio, furto, furto qualificado, porte de entorpecentes e narcotráfico* (GARCIA, 2005, p. 17).

Relata que, nesta primeira fase, obtiveram um banco de dados com informações de “334.800 boletins de ocorrência e 21.800 inquéritos policiais, que nos possibilitou exercícios preliminares de reflexão e a confirmação e reelaboração de algumas das hipóteses iniciais da pesquisa” (GARCIA, 2005, p. 17). A autora salienta que estes números permitiram o sorteio de uma amostra de inquéritos que seriam estudados na fase judicial e, foi neste contexto que estabeleceu o recorte específico de sua pesquisa, o qual ficou da seguinte maneira:

[...] dentre os crimes que compõem o rol de análise do projeto mais amplo, isolou-se para este trabalho aquele que mais pontualmente representa – a despeito da ausência de definição clara, por parte da legislação vigente e, portanto, com base nos estudos jurídicos e sociológicos sobre o tema – o *crime organizado*. Desse modo, selecionou-se especificamente naquele rol o tráfico de substâncias entorpecentes (GARCIA, 2005, p. 17).

Demonstra, enfim, como procedeu a delimitação do universo, informando que esse se compôs das ocorrências registradas nos Distritos Policiais que constituem a 3ª Seccional do Município de São Paulo. Salientou que tal escolha não aconteceu arbitrariamente, enfatizando que a região foi escolhida por ser representativa na totalidade do município e que, por isso, esta região também foi a estudada para a coleta desenvolvida pelo projeto de pesquisa mais amplo, ocorrida em 2001. Foi neste contexto que a pesquisadora se deparou com sua primeira dificuldade, pois a pesquisa do projeto-matriz não abrangia os anos 1988 a 1990 e esse período seria essencial para que ela alcançasse seus objetivos, tendo em vista que buscava comparar o impacto de leis posteriores ao ano de 1990. Então a pesquisadora tentou resolver esta questão, buscando informações no banco de dados da Fundação SEADE; todavia, relata que não ficou muito satisfeita.

Depois de desenvolver análises comparativas, a pesquisadora iniciaria a segunda fase, que seria o estudo dos inquéritos; todavia, obteve a informação de que as ocorrências que envolvem entorpecentes não são computadas nos distritos comuns, pois a investigação desses crimes é de responsabilidade do DENARC – Departamento de Investigação sobre Narcóticos. Este órgão realiza suas investigações em sigilo, por isso, não é possível o acesso aos inquéritos, portanto, o desenvolvimento da pesquisa não foi permitido. Todavia, a pesquisadora e a equipe descobriram que nas delegacias comuns havia muitas investigações referentes a tráfico de entorpecentes e observaram que a grande maioria dos registros de ocorrências de tráfico não eram enviados ao DENARC, por isso, continuaram a pesquisa no 3º Distrito Policial de São Paulo.

Antes da conclusão da fase do estudo dos inquéritos, a pesquisadora se deparou com outro problema: “uma correspondência proveniente da 3ª Seccional foi enviada às delegacias desta jurisdição vetando a continuidade do trabalho dos pesquisadores do CEPID III e impedindo, expressamente, o acesso a qualquer material policial” (GARCIA, 2005, p. 33). Tentaram dar continuidade ao estudo da fase policial contando com a colaboração de equipes dos Cartórios Judiciais, os quais forneciam os inquéritos que estavam arquivados nos processos, mesmo assim, a pesquisa não atingiu sua amostra. Por isso, a pesquisadora modificou sua metodologia,

[...] para garantir a adequada continuidade do estudo, assegurando o rigor científico, o projeto metodológico inicial foi adaptado. O intento preliminar de um exame quantitativo do narcotráfico foi então convertido para uma análise qualitativa, alicerçada em um detalhado e minucioso estudo de casos. Cada um dos 52 documentos recebeu, então, um tratamento individual, centrado em uma análise cuidadosa, com especial atenção às singularidades e especificidades de cada processo, posteriormente contrapostas à sequência das recorrências e repetições mais marcantes, observáveis para o conjunto (GARCIA, 2005, p. 34).

Para nós foi de extrema importância observar a forma como a pesquisadora justifica a modificação metodológica, ou seja, a pesquisa passa a ser qualitativa, utilizando a técnica do estudo de casos. Percebemos que, para Garcia (2005, p. 34) atingir toda amostragem da proposta quantitativa, seria a melhor forma de trazer segurança para sua pesquisa, porém, esta iniciativa não pôde ser concretizada. Então, a mesma buscou uma nova estratégia, visando à manutenção do rigor científico. Para ela, a pesquisa qualitativa não foi uma escolha, mas sim a solução de algo que não estava previsto (o impedimento do estudo de toda a amostragem). O compromisso com o rigor científico exigiu que a pesquisadora e sua equipe abrissem mão da primeira proposta.

Nesta situação, visualizamos, concretamente, que a disputa entre “quantitativos” e “qualitativos” é inócua, pois o importante é o tratamento que se dá às informações coletadas, sendo elas estatísticas, numéricas, histórias de vida, estudos de casos, entrevistas. Enfim, vemos que o importante, em um estudo científico, é a construção de uma metodologia que dê conta de explicar o objeto e que contemple os movimentos do real. Por isso, é essencial que haja abertura dos pesquisadores para a revisão metodológica e, mais do que isso, para a reconstrução da caminhada, pautada no método escolhido, ou seja, em consonância com o caminho.

Ao final, alguns alertas para novas caminhadas em direção ao estudo do tráfico de drogas

Associando o estudo de autores que desenvolvem fundamentação teórica sobre método e metodologia de pesquisa ao conhecimento dos procedimentos metodológicos que pesquisadores utilizaram para o estudo de fenômenos vinculados ao tráfico de drogas, nos certificamos do quanto a metodologia científica é essencial para chegarmos à meta final de nossa caminhada. A grande maioria das pesquisas utiliza-se de metodologia científica qualitativa, com técnicas de entrevistas e histórias de vida. Observamos vários estudos pautados em dados estatísticos e quantitativos, os quais trouxeram subsídios para as análises. A pesquisa documental também se mostrou como um passo importante, tendo em vista que muitos estudos vinculam questões históricas, jurídicas e legislativas.

Finalmente, a leitura das pesquisas já concluídas, nos alertou para o fato de que os “acidentes de percurso” são comuns nesta caminhada. Vimos que muitos pesquisadores se depararam com dificuldades, que exigiram modificação dos rumos metodológicos até então definidos. Ficamos atentos às dificuldades apresentadas, em especial, àquelas que revelam os riscos da pesquisa de campo, ou ainda, às que demonstram dificuldades para a realização de entrevistas ou coleta de dados. Constatamos que as propostas metodológicas são colocadas à prova nos movimentos do real. É no real que experimentamos a metodologia construída. É no real que nos deparamos com as dificuldades. É o real que exigirá adequações e readequações. É no real que mantemos ou modificamos o rumo de nossa caminhada.

Referências

- FARIA, Ana Amélia Cypreste. *Tráfico de drogas: uma opção entre escolhas escassas*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.
- GARCIA, Cássia Santos. *Os (des)caminhos da punição: a Justiça Penal e o tráfico de drogas*. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.
- GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- MAGALHÃES, Alexander Soares. Entre movimentos e possibilidades: grupos policiais, tráfico de drogas e capital social na Zona Oeste da Cidade do Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado em Ciência Política. Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ.
- MAMEDE, Alessandra Costa. *Conjuntos habitacionais Antares e Favela do Morro Santa Marta – Associações de Moradores e suas relações com o tráfico de drogas e o Primeiro Governo Brizola no Estado do Rio de Janeiro (1983-1987)*. Dissertação de Mestrado em História Comparada. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 2005.
- MOURA, Maria Juruena de. *Porta fechada, vida dilacerada – mulher, tráfico de drogas e prisão: estudo realizado no presídio feminino do Ceará*. Dissertação de Mestrado em Políticas Públicas e Sociedade. Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2005
- MARX, K. *Manuscritos econômicos-filosóficos e outros textos escolhidos*. Seleção de textos: José Arthur Giannotti; tradução: José Carlos Bruni. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Os pensadores).
- MARX, K.; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. 2. ed. 3. tiragem. Tradução: Luiz Cláudio de Castro e Costa; introdução: Jacob Gorender. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- OLIVEIRA, Juliana E. Silva de. *Novas fronteiras do trabalho: vivências ‘a margem’ dos trabalhadores do tráfico de drogas*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.
- PEREIRA, Sheila Venâncio de Jesus. *Trajetórias de vida de mulheres presidiárias envolvidas com o tráfico de drogas em Belo Horizonte*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- PIMENTEL, Maria Elisa da Silva. *O lado certo da vida errada: um estudo sobre o tráfico de drogas sob o comando do Império*. Tese de Doutorado em Serviço Social. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

¹ Sob a orientação do Prof. Dr. José Fernando Siqueira da Silva.

² Há, nestas regiões, uma rota internacional de tráfico de drogas, por isso, muitos adolescentes, aqueles conhecidos como “mulas do tráfico”, têm sua força de trabalho explorada para o transporte de entorpecentes, em especial, maconha (*cannabis sativa*).

³ Dentre as oito pesquisas levantadas, 7 (sete) são dissertações defendidas para obtenção do título de mestre e apenas 1 (uma) é tese, defendida para obtenção do título de doutor. O período da finalização das pesquisas corresponde aos anos 2005 a 2009. As áreas dos pesquisadores são diversificadas, sendo 2 (duas) da área de Psicologia; 1 (uma) da área de História; 1 (uma) da área de Ciência Política; 1 (uma) da área da Sociologia; 1 (uma) da área de Ciências Sociais; 1 (uma) da área de Políticas Públicas; 1 (uma) da área de Serviço Social.

⁴ <http://www.capes.gov.br/sobre-a-capes/historia-e-missao>.

⁵ Data da busca: 6 jan. 2010.

⁶ Enfatizamos títulos, pois nossa busca não se baseou em palavras-chave; nossa intenção foi a observação de trabalhos que possuem a expressão “tráfico de drogas” em seu título.

⁷ Colocamos entre aspas, pois entendemos que a História de Vida é uma técnica, não um método.

⁸ A grafia mais usual da palavra é com “ss”: remissão.